

# Consoantes palatais como geminadas fonológicas no Português Brasileiro\*

W. Leo Wetzels

Universidade Livre de Amsterdam  
Instituto de Linguística Gerativa da Holanda (HIL)

## Abstract

In this paper we observe that /*ɲ*/ behaves in many respects differently from /*m,n*/. Whereas /*m,n*/ can be preceded by a branching rhyme, /*ɲ*/ cannot. When /*ɲ*/ occurs between the last two vowels of a word that is at least trisyllabic, stress can never 'skip' the prefinal syllable. On the other hand, when /*m,n*/ occupy the onset of a word-final syllable, proparoxitonic stress does occur (*é**ba**no*, *á**ga**mo*). Also, /*ɲ*/ does not occur word-initially, in which position /*m,n*/ are frequently found. Furthermore, syllable structure typically splits a /*V*{*i,u*}/ sequence into two syllables before [ʎ] and [ɲ], but not before /*m,n*/. Finally, before the palatal nasal, allophonic nasalisation of a preceding unstressed vowel is obligatory, whereas allophonic nasal spreading does not affect unstressed vowels before /*m,n*/. We will show that all these facts are readily explained by the hypothesis that the palatal sonorants of BP are geminate consonants at the lexical level.

## 1. INTRODUÇÃO

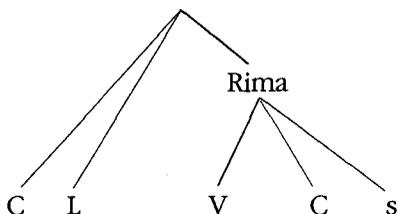
**A**s soantes palatais /*ñ*, *ʎ*/ do Português Brasileiro (PB) se comportam, sob muitos aspectos, diferentemente das soantes não palatais. Em se tratando da nasalização da vogal precedente, a nasal-palatal se comporta como se fosse uma consoante na coda, embora ela ocorra exclusivamente em posição intervocálica. Acrescentado a isso, as sílabas que precedem uma soante palatal são sempre leves, como pode ser observado não só na completa ausência de rimas pesadas precedendo uma soante palatal intervocálica, como também no algoritmo de silabificação, que cria hiato no caso de seqüências de Vogal + Vogal Alta que precedem /*ñ*, *ʎ*/ (*moinho*, *faúlba*), enquanto antes de /*m,n,r,l*/, os ditongos decrescentes surgem obrigatoriamente (*queima*, *baila*). Além disso, se uma soante palatal ocorre como *onset* de uma sílaba em final de palavra, como em *alcunha*, o acento da palavra nunca cai na antepenúltima sílaba, embora o acento proparoxítono seja um padrão possível no PB.

Neste texto, apresentarei uma explicação unificada para todos esses fatos, propondo que as soantes palatais são, de fato, geminadas fonológicas.

## 2. A RESTRIÇÃO DE RIMA MÁXIMA DO PB

Assumirei que a estrutura da sílaba do PB é como em (1,2), em que apenas a estrutura da rima é formalmente explícita, porque só essa parte da sílaba é relevante para nossa discussão, (veja também WETZELS, 1991). Em (1), V representa uma unidade de peso (ou mora) que domina um segmento [+vocálico], enquanto C na Rima representa uma unidade de peso (ou mora) que domina um segmento definido pelos traços [-vocálico, -aproximante, +soante] ou /s/. Linhas pontilhadas representam elementos opcionais.

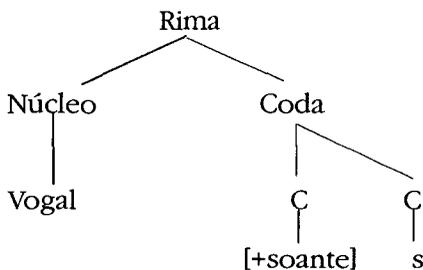
(1)



A restrição mais importante para o resto de nossa discussão é que a rima da sílaba do PB pode conter no máximo duas posições, apenas excepcionalmente três, e o terceiro elemento deve ser /s/. Chamarei isso de Restrição de Rima Máxima (RRM).

Já se observou que, abstraindo-se o comportamento excepcional de /s/, a sílaba do PB permite apenas duas posições na rima. Além disso, a posição de não-núcleo é exclusivamente reservada a segmentos soantes (vogais, líquidas e a mora nasal) ou /s/. A rima da sílaba do PB pode, portanto, ser representada formalmente como em (2):

(2) Rima da sílaba no PB



O PB tem sílabas abertas e travadas. As vogais nasais se comportam como rimas pesadas com relação àquelas regras do PB que são sensíveis ao peso da sílaba. Para o PB, podemos usar a noção de “rima pesada” em sua interpretação mais geral, que é aquela segundo a qual qualquer sílaba que tenha duas posições preenchidas na rima conta como pesada. Uma lista exhaustiva de rimas do PB é fornecida em (3):

## (3) Rimas pesadas no PB

Rimas possíveis	Ilustrações	
	Final de palavra	Pré-final
Vr	abajur	aberto
Vl	anel	asfalto
Vs	cortês	adestro
Ditongos orais	herói	eleito
Ditongos nasais	irmão	cãibra
Vogais nasais	irmã	macumba

Claramente, se a rima do PB contém maximamente duas posições, é previsto que as sílabas que contenham vogais nasais ou ditongos não possam ser seguidas por uma líquida tautosilábica, ou que sílabas que terminem em uma líquida não possam ser seguidas por uma consoante nasal na mesma sílaba. Essa previsão é confirmada pelos fatos.

## 3. A ASSIMETRIA NA REGRA DE NASALIZAÇÃO ALOFÔNICA

Além das vogais nasais contrastivas, que são usualmente<sup>1</sup> representadas na ortografia por uma consoante nasal na coda da sílaba (*campo, pente, banco*), o PB apresenta outro tipo de nasalização, que é desencadeada por uma consoante nasal intervocálica, em que o traço nasal se espalha para o(s) elemento(s) vocálico(s) da sílaba aberta imediatamente precedente (*men[i]na, c[ã]ma, etc.*). Enquanto a nasalização contrastiva é obrigatória em algum ponto na seqüência em que ocorre, como pode ser visto em palavras como *C[ã]mpinas* e *cl[ã]mpo*, em que o acento na sílaba pré-final em ambas as palavras e a nasalização antes da coda nasal /m/ é obrigatória, a nasalização alofônica é o resultado de uma regra variável, sensível tanto à variação lingüística quanto à não-lingüística (MORAES & WETZELS, 1992; ABAURRE & PAGOTTO, 1996). Para todos os dialetos do PB, a nasalização alofônica é mais sistemática nas vogais

acentuadas. Na verdade, muitos falantes do PB realizam uma alternância entre a raiz /am/ do verbo *amar*, como em formas do tipo *âmo*, com uma nasal /ã/, e *amâr* em que /a/ é oral (VANDRESEN, 1975). Exemplos<sup>2</sup> que mostram nasalização alofônica são fornecidos em (4).

#### (4) Nasalização alofônica

##### (4a) Acentuada antes de /n,m/

[si nu]	sino	[fumu]	fumo
[lemi]	leme	[dõnu]	dono
	[kâma]		cama

##### (4b) Não-acentuada antes de /n,m/

[pinõja]	pinóia	[kumarí]	cumari
[tenás]	tenaz	[bonEka]	boneca
	[tamã.ku]		tamanco

##### (4c) Acentuada antes de /ñ/

[koziña]	cozinha	[awkuña]	alcunha
[azeña]	azenha	[segõña]	cegonha
	[arãña]		aranha

##### (4d) Não-acentuada antes de /ñ/

[diñéjru]	dinheiro	[kuñádu]	cunhado
[señóX]	senhor	[veXgõñózu]	vergonhoso
	[kãñótu]		canhoto

Como pode ser observado nas palavras apresentadas em (4), a distinção entre a coronal e a plosiva nasal labial, por um lado, e a plosiva nasal palatal, por outro lado, é motivada por uma diferença na escolha de seus alvos para o espraiamento da nasalidade. Muito surpreendentemente, a nasalização é muito mais geral antes de /ñ/ do que antes de /n,m/. Para ser mais preciso, a nasalização alofônica antes de nasais palatais ocorre independentemente da posição do acento primário, como a nasalização contrastiva. A força desse fenômeno foi confirmada por uma pesquisa desenvolvida recentemente no Brasil, cujos resultados são relatados em ABAURRE & PAGOTTO

(1996). Os pesquisadores observaram que a nasalidade contrastiva foi realizada em 100% dos casos. Além disso, a nasalização alofônica foi categórica em sílabas de acento primário. Eles então observam: “A nasalização é categórica quando a vogal precede uma consoante nasal palatal, independentemente do contexto tônico ou átono” (ABAURRE & PAGOTTO, 1996:24).

Caso se permita explicar o comportamento similar da nasalidade contrastiva e a nasalização alofônica antes de /*ñ*/, em termos de uma representação lexical similar, deve-se admitir a idéia de que nos casos do /*ñ*/ a nasalidade é também localizada na coda, como em *campo*, etc. Uma forma de codificar essa hipótese fonologicamente é considerar as soantes palatais como geminadas lexicais /*ññ*, *λλ*/. Certamente, a consequência imediata dessa proposta é que a ocorrência de uma soante palatal tornará a sílaba precedente pesada. Levando-se em conta a RRM, as soantes palatais nunca poderiam ser precedidas por uma sílaba pesada.

Consideremos, para verificar esse fato, as palavras em (5):

(5)	alma	vulnerável	*V <i>ñ</i> V
	arma	adorno	*Vr <i>ñ</i> V
	abismo	cisne	*Vs <i>ñ</i> V
	teimar	reino	*ei <i>ñ</i> V
	fleuma	eunuco	*eu <i>ñ</i> V
	andaime	paina	*ai <i>ñ</i> V
	trauma	baunilha	*au <i>ñ</i> V

Não é difícil ver que /*ñ*/ se comporta diferentemente de /*m,n*/. Os exemplos em (5) mostram que /*m,n*/ podem ser precedidos por uma rima ramificada (ou sílaba pesada), mas que /*ñ*/ não pode. Devido à Restrição da Rima Máxima, e sob a hipótese de que as consoantes palatais são geminadas fonologicamente, predizemos que a última pode apenas se superficializar precedida por uma rima não-ramificada, isto é, uma só vogal. Isso porque a primeira parte da consoante palatal, que é, por hipótese, uma consoante dupla, já ocupa a segunda posição de rima da sílaba imediatamente prece-

dente. Conseqüentemente, há, naquela sílaba, apenas uma posição disponível, que pode ser ocupada somente por uma vogal.

A hipótese da geminada não só explica por que as consoantes palatais nunca podem ser precedidas por uma rima pesada. Ela também implica que, se /ñ/ ocorre entre as duas últimas vogais de uma palavra que seja pelo menos trissilábica, o acento nunca poderá pular a sílaba pré-final. Isso porque no PB as palavras proparoxítonas com uma sílaba pesada pré-final (por exemplo, hipoteticamente, \*rápindo, \*ámeixa, \*Géraldo, etc.) não existem. Mais uma vez, essa previsão é corroborada pelos fatos:

- (6)           alcúnha  
              camínho  
              cozínha  
              desénho  
              façánha

Como previsto, palavras com a estrutura como as de (6) nunca poderiam ter acento na terceira sílaba da direita.

Além disso, /ñ/ não ocorre em início de palavras. Interessante observar que uma palavra como *nboque*, emprestada do italiano *gnocchi*, é pronunciada por alguns falantes como [iñõki], e por muitos outros como [(i→)jõki]. Obviamente, /ñ/ é considerado ser complexo em algum sentido, e sua complexidade é apenas tolerada em posição intervocálica. Provavelmente porque sua articulação complexa pode ser dividida sobre duas sílabas.

É obvio que a hipótese de que /ñ/ se divide sobre duas sílabas teria força se fosse o caso de que a outra soante palatal do PB, a palatal /ʎ/ (<lh>), mostrasse um comportamento paralelo a /ñ/. Antes de /ʎ/, as rimas ramificadas de qualquer tipo, incluindo vogais nasais, são proibidas. Quando o /ʎ/ aparece entre as duas vogais finais de uma palavra que contenha mais de duas sílabas, o acento é invariavelmente na sílaba pré-final. Finalmente, exceto para alguns clíticos como *lhe*, *lhes*, *lha* (<lhe+a>) e *lho* (<lhe+o>), que são dificilmente usados no PB coloquial, o /ʎ/ em início de palavra é,

muitas vezes, pronunciado com um /i/ protético, como em *lhama*, emprestado do espanhol *llama*, pronunciado como [i]lhama.

#### 4. A SILABIFICAÇÃO DAS VOGAIS ALTAS DIANTE DAS SOANTES PALATAIS

Lembro que em (5) foi ilustrado que /ñ, ʎ/ não podem ser precedidas por uma rima ramificada. Isto, certamente, não equivale a dizer que essas consoantes não podem ser precedidas por uma seqüência de vogais do tipo /V(i,u)/. No PB, de fato, este é um padrão muito comum, como mostram as palavras em (7):<sup>3</sup>

(7)	rainha	bainha
	ladainha	moinha
	moinho	tainha
	fuinha	fuinho
	graúlho	faúlha

Normalmente, seqüências de Vogal + Vogal Alta são obrigatoriamente silabificadas no PB para formar ditongos decrescentes, como pode ser visto em *teimar, reino, fleuma, eunuco, andaime, paina, rauma, baunilha*, etc. Por outro lado, as mesmas seqüências são analisadas como bissilábicas, se elas são seguidas por um grupo consonantal que não pode funcionar como *onset* de sílaba complexa ou quando a seqüência de vogais é seguida por uma consoante no final da palavra. Considere, para ver isso, as palavras em (8), em que \$ marca uma fronteira silábica:

(8)	pau\$lo	Paulo	pa\$úl	paul
			ra\$úl	Raul
			se\$úl	Seoul
	jai\$ro	Jairo	ja\$ír	Jair
			ada\$íl	adail
			alda\$ír	Aldair
			ada\$ír	Adair
			valte\$ír	Valteir
			ra\$ílda	Railda

A diferença na silabificação entre *Paulo*, com um ditongo decrescente, por um lado, e *paul*, com hiato, por outro, regularmente resulta da RRM. A seqüência /ul/ em *paul* é analisada como uma sílaba independente, porque a acumulação de /aul/ em uma só sílaba formaria uma rima triposicional de um tipo que é excluída pela RRM. De forma interessante, a estrutura geminada que é reivindicada para as soantes palatais prevê que a estrutura da sílaba sempre partirá a seqüência /Vi,u/ em duas sílabas antes de /ñ/. Isso, na verdade, sempre acontece. Em minha opinião, as palavras em (7) são interessantes por duas razões. Primeiro, críticas ao apresentado aqui poderão especular que o fato de /ñ/ nunca ser precedido por uma consoante fechando a sílaba precedente poderia ser atribuído a acidente histórico, e, sincronicamente, ser considerado como uma lacuna acidental. Contudo, como as palavras em (7) mostram, o mesmo não pode ser reivindicado com vistas ao fato de que /ñ/ não pode ser precedido por um ditongo, uma estrutura que as regras de silabificação obrigatoriamente se constroem antes de /n/ ou /m/ intervocálicos. Apenas sob a hipótese de que as palatais representam geminadas fonológicas pode-se explicar a falta sistemática de ditongos antes de /ñ/. Segundo, o fato de que soantes palatais nunca permitem que o acento caia na sílaba antepenúltima resulta do fato de que sua estrutura geminada torne a sílaba pré-final pesada. Conseqüentemente, a propriedade de *stress-attracting* de /ñ, ʎ/ não tem nada a ver com a palatalidade desses sons, mas com sua natureza geminada.

## 5. CONCLUSÃO

Na discussão precedente, vimos que as soantes palatais são, em muitos aspectos, diferentes de todas as outras soantes. Elas são limitadas à posição intervocálica no conteúdo das palavras, desencadeiam obrigatoriamente a nasalização alofônica da vogal precedente, não permitem uma sílaba pesada precedente, a vogal que imediatamente as precede é sempre acentuada, forçam uma seqüência Vogal + Vogal Alta precedente para silabificar como um hiato e tendem a

ser “abrasileiradas”, se ocorrem no início de palavras emprestadas de outras línguas. Mostramos que a hipótese de que esses sons representam geminadas fonológicas fornece uma explicação unificada para todos esses fatos.

## NOTAS

\* Meus agradecimentos a Dermeval da Hora por traduzir o texto original em inglês para português. Este texto representa uma versão revisada de parte de um estudo maior sobre a representação da nasalidade em português, publicado como WETZELS (1997).

<sup>1</sup> No caso específico de /a/, quando final da palavra ou parte de um ditongo nasal, o diacrítico ortográfico <-> é usado para marcar nasalidade contrastiva: *lã, mãe*, etc. No interior de palavra [ãj] a prática ortográfica permite tanto <ãi> como <aiM/n>, como visto em *cãibra* versus *caimbra*.

<sup>2</sup> A limitação da nasalização alofônica a sílabas acentuadas é atípica nos dialetos do Norte e Nordeste. Os fatos, como apresentados em (4), não se aplicam aos dialetos falados naquelas partes do Brasil.

<sup>3</sup> As convenções ortográficas do PB prescrevem o uso de um acento agudo sobre a vogal alta, se a última não combina com a vogal precedente em um ditongo: *saúdo, país*. Contudo, nenhuma marca de acento ortográfico é exigida, se a vogal alta que falta para formar um ditongo com a vogal precedente é seguida por uma nasal em final de palavra ou consoante líquida (*paul, amendoim*), por uma seqüência no interior da palavra de uma consoante soante + consoante (*ainda, Railda* ‘id’), ou antes de <nh> (*rainba*). Suficientemente estranha, essa prática que parece claramente inspirada na fonologia não se estende a <lh>: deve-se escrever *faiúlba* com o acento agudo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE, M. Bernadete, PAGOTTO, Emílio G. Nasalização no Português do Brasil. In: KOCH, I. V. (Ed.). *Gramática do português falado VI*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.
- MORAES, J., WETZELS, W. Leo. Sobre a duração dos segmentos nasais e nasalizados em Português: um exercício de fonologia experimental. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, UNICAMP, 23, p.153-166, 1992.
- VANDRESEN, Paulino. O vocalismo português: implicações teóricas. *Revista Brasileira de Linguística*, 2, p.80-103, 1975.
- WETZELS, W. Leo. Mid vowel neutralization in Brazilian Portuguese. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, UNICAMP, 23, p.19-55, 1972.
- \_\_\_\_\_. Mid vowel alternations in the Brazilian Portuguese verb. *Phonology*, 12, p.281-304, 1995.
- \_\_\_\_\_. The lexical representation of nasality in Brazilian Portuguese. *Probus*, 9, p.203-232, 1997 .
- \_\_\_\_\_. *The sound structure of Brazilian Portuguese*. (em preparação).